

# Slaven ihre Geschichte

Byzanz

Sl. Namen erinnern an Mythen der Veden

Kirche und Staat

## VILÉM FLUSSER

Convido os senhores de viajarem comigo, nas asas da imaginação geográfica e histórica, para aquela parte do continente eurasiático, na qual a incrível península europeia começa a destacar-se do seu tronco. Mas peço-lhes não de imaginar essa parte como ela se apresenta hoje, isto é como uma planície en-  
dulante recoberta de trigo e densamente semeada por aldeias unidas entre si pelos ganglios de alamedas, uma planície recortada não somente por rios majestosos, mas também por fronteiras linguísticas, culturais, religiosas e políticas, e dentro da qual aglomerações cinzentas erguem as suas torres e chaminés e emitem uma rede de trilhos, de fios e de faixas de asfalto. Não, imaginem essa parte como ela deve ter se apresentado aos eslavos, quando estes, talvez como prisioneiros de povos ural-altaicos, pela primeira vez a invadiram. Não é historicamente tão remota essa invasão, não deve ultrapassar um milênio e meio. Ainda está este acontecimento na lembrança viva dos povos, vibra nas canções populares, nos contos de fadas e nos ritos das festas que se desenvolvem, nos domingos, nas praças redondas das aldeias redondas, tendo a árvore de maio por centro. Ou ressurgem nas histórias contadas debaixo da tília frendosa pelos velhos da aldeia num ritmo a um tempo épica e liricamente sugestivo, num ritmo que os senhores talvez conhecem pelas "histórias que minha mãe me contou" de Dvořák. Imaginem pois a estepe sem fim, com suas oásis de betulas, transformada em tapete colorido na primavera e em lençol mortuário no inverno, sobre a qual, de raro em raro, batem os cascos dos cavalos pequenos nas velezes dos guerreiros mongólicos e turcomanos, que se cruzam desde tempos imemoriais, surgindo como que por encanto da névea misteriosa chamada da Cathay ou Ophir, e dissolvendo-se novamente nela. Essa estepe compacta começa, na parte que estamos considerando, a articular-se. Surgem nela serras recobertas de florestas, o majestoso arco dos Carpatos, e que não passa de uma prolongação do sistema alpino, esse esqueleto que faz com que a Europa seja um fenómeno único na superfície terrestre. Considerem por um instante esse fenómeno chamado Europa, e comparem a sua articulação incrivelmente rica com a relativa monotonia dos demais continentes. Como o mar penetra essa massa terrestre de todos os lados, infiltrando-se até o seu centro na forma de mar Báltico e mar Negro. Como os grandes lagos, continuadores de mar, resgam as suas entranhas. Como a terra, por sua vez, invade o mar com milhares de penínsulas e ilhas em todas as direções e de todas as formas. Como se cruzam serras e como os rios recortam a terra em todas as direções e formam um desenho intricado de vales. Como, enfim, a Europa é um mosaico de paisagens, um cosmos em miniatura, de modo que viajar cinquenta quilômetros na Europa equivale a uma viagem de milhares de quilômetros alhures. Pois bem, a parte que estamos considerando é a coluna vertebral que sustenta esse milagre. Uma parte que poderia não ser Europa, não tivessem os eslavos a incorporado. Assim transformaram eles aquilo que pela natureza era um posto avançado da Ásia, em base sólida de Europa e em reservatório humano e terreno do Ocidente. Portanto, nas palavras de um grande poeta tcheco: "Slavme slavně slávu Slávu slavných" (festejemos solenemente a glória dos famosos eslavos).

Citei este verso com uma segunda intenção linguística, que me apresso a explicar aos senhores. A palavra "eslavo" vem da palavra "slovo" que significa "palavra". Os eslavos são os donos da palavra, em contraste com os "němci", os germanos, os mudos. Esse termo "eslavo" reaparece em diversas formas para designar diversos povos, por exemplo eslovacos, eslovenos, servíacos, servos. Mas a palavra "slovo" subentende todos os significados que o poeta evoca no verso citado. A palavra é festiva, é solene, é gloriosa e é famosa, enfim: é uma palavra eslava. É um fenómeno poético e musical, é apaixonado: poesia é "báseň", canto é "píseň", paixão é "vášeň". E para não perder o clima que lhes estou tentando transmitir, citarei logo mais um verso tcheco "Ten národ ještě nezhyne, dokud mu věstec spívá, jest píseň nebi srožená a ve smrt živobylivá" (aquele povo ainda não morreu, conquante o bardo lhe canta; é a canção nascida dos céus e verte vida na morte). Passo agora das esferas do entusiasmo para a planície firme do discurso prosaico e exporei em esboço a história dos eslavos, esse capítulo mais recente e talvez menos divulgado da história do Ocidente.

Os eslavos pertencem ao ramo indogermanico daquela grande família de línguas

## VILÉM FLUSSER

flexionais que criaram as civilizações ocidental, islâmica e indiana. Mas esse ramo indogermânico está subdividido em duas alas, chamadas respectivamente "kentum" (cem em latim) e "satem" (cem em sanscrito). Os eslavos pertencem à ala oriental, ao "satem", e são portanto mais aparentados com os hindús, os persas e os armênios que com os gregos, os latinos e os germanos. Os mitos eslavos, dos quais temos tão poucas notícias, por terem sido subjulgados tão cedo pela mitologia germanica em suas vestes cristãs, têm, distintamente, nomes que lembram os mitos das vedas. O grande deus Perún é Varuna, a deusa da primavera Vesna é uma metamorfose de Vishnu, o deus do fogo, Ogon, é Agni, o peso imposto pelos deuses é Jug, o Yega, e a sabedoria sagrada é vêda, o Veda. E o que afasta o homem dos deuses é o desejo, "pfáni", é o Prana. Infelizmente estou obrigado de basear as minhas considerações sobre a língua tcheca, a mais ocidental das eslavas, e portanto a mais afastada das suas origens, já que os meus conhecimentos do russo são menos que rudimentares. Porque as línguas eslavas são, elas também, subdivididas em três grupos: os eslavos ocidentais, representados principalmente pelos tchecos e poloneses, os eslavos do Sul (iugoslavos), representados pelos servios, slovenos e búlgaros, e os eslavos orientais, que incluem os dois grandes povos dos ucranianos e russos. Restringirei, pela necessidade acima referida, as minhas análises à língua tcheca.

A história dos eslavos é paralela à dos germanos, mas diverge desta pelo seu desfecho. Os germanos invadiram o território ocidental no período de sua formação e no período do seu maior florescimento. Embora tenham atacado toda a fronteira norte do Império romano, que representava o universo ocidental, foram desviados pela defesa romana para a parte ocidental e latina. O império grego resistiu às invasões e conseguiu até aliar-se com os germanos que construíam os seus reinos sobre os escombros de parte latina por eles destruída. Assistiu o império grego ao estabelecimento do Santo Império Romano de nacionalidade germanica, e, desta forma subreptícia, evitou que a latinidade se perca no dilúvio dos germanos. Assim, tornaram-se os germanos herdeiros dos latinos, sem que a latinidade tenha desaparecido, e durante centenas de anos era o latim a língua literária das terras conquistadas pelos germanos. Quando o latim cedeu às línguas modernas, muitos povos germanos se tinham latinizado a tal ponto que por exemplo os lombardos deram origem ao italiano, os francos ao francês, os godos ao castelhano, portanto a línguas latinas. O domínio dos germanos sobre os latinos nunca era total, nem mesma na Idade Média, na qual a luta entre os dois elementos tomou a forma da luta entre papas e imperadores. O caso dos eslavos é diferente. Entraram na cena do Ocidente depois da cisão do império e depois da destruição da sua parte latina. Atacaram não numa frente horizontal, do norte para o sul, mas numa frente vertical, de leste para oeste. Encontraram à sua frente gregos e germanos. A luta entre germanos e eslavos está ainda em plena marcha, e trava-se, atualmente, por exemplo na muralha de Berlim, essa capital da Alemanha e da província eslava de Brandemburgo (brani-bofi = os defensores da floresta). Mas a luta entre eslavos e gregos está decidida totalmente em favor dos eslavos. Enquanto existia Constantinopla, a nova Roma, como capital de ~~Romania~~ império ortodoxo, havia uma rivalidade entre ela e o Grã-duque de Novgorod pela primazia política e religiosa. Ambos centros ortodoxos estavam empenhados em luta mortal contra elementos extra-ocidentais: Constantinopla contra os saracenos e turcos, Novgorod contra mongóis e turcomenos. Mas quando Constantinopla caiu na mão dos turcos e Novgorod venceu a estepe, Moscou tornou-se a terceira Roma incontestada. Nunca surgiu portanto aquela tensão tão típica da parte latina, que pode ser descrita culturalmente como classicismo contra romantismo, politicamente como germanismo contra latinismo, e espiritualmente como estado contra igreja. Houve, pelo contrário, a fusão total entre bizantinismo e barbarismo, entre eslavismo e grecismo, entre estado e igreja. A Santa Mãe Rússia era a base messiânica da civitas Dei muito mais que o Santo Império, e o Tsar era, como imperador e como chefe da Igreja, muito mais representante de Deus sobre a Terra que o Imperador germanico e o Papa juntos. Para o sentimento eslavo, produto dessa fusão total, é a divisão latina uma forma de inautenticidade. Não se pode, para o eslavo, distinguir entre política e religião, e todas as revoluções e guerras são precuras de

**VILÉM FLUSSER**  
santidade. Esta mentalidade nao sofreu interrupção pelo advento do marxismo, pelo contrario intensificou-se. A fusão entre partido e estado é a continuação radicalizada da fusão entre igreja e estado, e a ortodoxia eslavo-bizantina, que é o resultado dessa fusão, tornou-se ainda mais doutrínaria e rigidamente enforcada. Historicamente existem dois movimentos mestres do pensamento eslavo como conjunto politico-religioso: o movimento occidentalista e a eslavofilia. Os occidentalistas, representados por exemplo pelo Tsar Pedro o Grande, procuravam a salvação e a santidade pela uniao com o ocidente latino, em bases mais ou menos eslavas, bem entendido. Os eslavófilos, representados por exemplo por Dostoievsky, procuravam a salvação e a santidade pela construção de uma sociedade divina em terras eslavas, para depois salvar o mundo a partir dessa base. A mesma tendencia continua no marxismo russo, no qual Lenin e Stalin representam a eslavofilia, Trotski e Chruchtchov o occidentalismo. Mas a essa dinâmica politico-religiosa nao corresponde uma dinâmica estética paralela, e nao podemos descobrir, na história dos eslavos, o mesmo oscilar que caracteriza a luta entre classicismo e romantismo na parte latina. O estilo bizantino, tao parecido com o nosso romanesco, domina a cena quase ininterruptamente, e desanvolve-se retilineamente, perturbado apenas superficialmente pelas influencias um tanto artificiais das correntes artisticas latinas. A inautenticidade dessas influencias externas pode ser sentida por exemplo no recôdo superficial da corte de Caterina, quando os aristocratas usavam perucas e botinas cossacas, ou na atualidade, quando o nesse estilo burgues realista do século dezanove serve de máscara a uma sociedade sovit-disant socialista e nos repele pela sua vulgaridade e feiura. Debaixo dessa máscara continua viva a tradição eslavo-bizantina, na forma da música, da poesia, da iconografia, embora nao se ja sempre fácil desenterra-la. E contra este pane de funde que devemos tentar descobrir a contribuição eslava.

A primeira dificuldade reside na distinção entre os elementos gregos e eslavos no conjunto desse tipo de pensamento. Os eslavos sao muito mais helenizados que os germanos sao latinizados, e neste sentido sao mais cristãos que estes. Mas é preciso tomar cuidado. O helenismo que influenciou os eslavos já estava, ele próprio, fortemente latinizado. Dentro da tradição eslava está guardada, pelo helenismo, a tradição latina, (via Roma), e a tradução judia (via cristianismo). A segunda dificuldade reside no fato de nao ter surgido, em terras eslavas, uma filosofia comparável a filosofia alemã ou inglesa. A explicação desse fato nao é fácil, mas tem certamente a ver com a fusão entre estado e igreja. A filosofia medieval latina era em grande parte uma apologetica da Igreja contra os ataques representados, grosso modo, pela tendencia anti-romana dos germanos. A filosofia germanica da Idade moderna, (e neste sentido também os filósofos de línguas romanas eram germanicos), era uma filosofia leiga, que primeiro afirmava a sua independencia de Roma, e depois tendia a ignorar Roma. Mas em território eslavo ortodoxo o mesmo nao se dava. Nao havia necessidade de defender uma igreja que era, ao mesmo tempo, estado, e nao havia propriamente leigos. O pensamento eslavo nunca resultou portanto numa filosofia *sansu stricto*, mas em teologia. Isto continua verdade até hoje. A assim chamada filosofia marxista, tal como é praticada nas terras eslavas, é, no fundo, uma maneira disfarçada de teologia. Isto faz com que me veja na impossibilidade de recorrer a testemunhos de filósofos, como e fiz na discussao dos germanos. Em compensação pervade essa teologia da qual falei todas as manifestações culturais dos eslavos. Toda criação artistica é informada por este "engagement", e é portanto aos poetas que terei que recorrer em meus esforços. E aí surge a terceira dificuldade. Os poetas que chamarei em meu auxilio serao tchecos. E os tchecos sao católicos e fazem parte do Santo imperio romano. Embora profundamente eslavos, participem, com uma parte do seu ser, da germanicidade. O seu testemunho será portanto parcialmente suspeito. Deveremos manter essas tres dificuldades sempre em mente, quando da análise do pensamento eslavo que agora inicio.

Proponho, como primeiro conceito a ser analisado, o termo tcheco "mir", que é traduzido pela palavra "paz" para a língua portuguesa. Ao mesmo tempo proponho o termo russo "seviét", que é traduzido por "conselho". Dou a definição abreviada do termo "mir", como a Encyclopaedia Britannica a fornece: "O conjunto

## VILÉM FLUSSER

das relações entre membros de uma comunidade. O proprietário tebrico de todas as terras, que as distribuía entre os membros. A última regulação de mir foi dada pela reforma stolypiniana em 29. de maio de 1911. A revolução soviética acabou oficialmente com o mir, mas seus traços se conservam." É esta a palavra que traduzi por "paz", conforme todos os dicionários em uso. A paz é portanto o conjunto das relações entre membros de uma comunidade, relações fundamentalmente agrárias baseadas sobre uma aldeia. Mas a palavra "mir" significa igualmente "mundo". Para dizer "mundo", usa-se geralmente a expressão "vesmir", literalmente "mundo inteiro". Esse "ves", que significa "inteiro", "tudo", significa também "aldeia", e é parente da palavra portuguesa "vizinho". "Mundo" é portanto o conjunto das relações pacíficas entre vizinhos na mesma aldeia. O mundo é o contrário de guerra, ("vojna"), como diz "vojna i mir" (guerra e paz) de Tolstói. Em outras palavras: "mir" é o cosmos em contrapartida à "vojna", e o céu. Mas não é o cosmos dos gregos, é o cosmos da aldeia. Mas existe uma outra palavra para designar aquilo que chamamos "mundo". Essa palavra é "svêt", e vem do verbo "svêtat" que significa "desenrolar-se". De que tipo de desenrolar se trata, podemos observar do termo "vêta", que significa um rolar no sentido de discurso, ou frase, ou juízo. Aquilo que se desenrolou é "svêtlo", o que significa "luz" na tradução portuguesa. Acrescento que a palavra russa que significa "botão de flor" vem da mesma origem. A palavra que significa "sento" é "svaty". Como já disse, o termo russo "soviêt" é traduzido por "conselho". A Rússia soviética não é portanto tao diferente da Santa Rússia dos Tsares. O mundo nestes termos é portanto concebido como um desenrolar discursivo em direção de um juízo e um conselho que é a luz da santidade. Se disse que "mir" é algo como "cosmos", posso dizer que "svêt" é algo como "universo", já que "vêta" é algo como "verso". Mas é preciso dizer que ambas as traduções propostas são inadequadas. Estamos pois diante de uma ontologia dupla. Na primeira o mundo é uma aldeia gigantesca, pacífica e ordenada, presumivelmente redonda como uma aldeia eslava, rodada de uma muralha de terra que o protege contra a estepe, a guerra, o céu, a "vojna". Compreendemos um pouco o que significa para um russo estar acampado no campo da paz, do mir, em defesa contra nós, que estamos no céu. Ele está defendendo o mundo. Como vêm os senhores, ele está numa paz que nada tem a ver com o nosso pacifismo. Um primeiro exemplo da confusão linguística que reina no diálogo entre nós e eles. Na segunda concepção ontológica é o mundo um botão de flor que abre as suas pétalas, uma por uma, de maneira ordenada, para resplandecer em santidade. Nestesentido é o mundo um processo histórico entelequico, que tem por finalidade produzir a luz da santidade. Embora essas duas ontologias nada parecem ter em comum, brotam ambas do mesmo chão, e este chão é a terra. No tem, de passagem, como se adapta bem essa segunda concepção ao pensamento hegeliano e marxista, embora lhe confira uma atmosfera religiosa que lhe é alheia no seu contexto original prussiano. Disse que é da terra que ambas essas ontologias brotam, tanto o mundo-aldeia como o mundo-botão de flor, e proponho a hipótese que é a terra que desvenda, ao eslavo, a sacralidade velada. O projeto existencial eslavo é a realização progressiva das potencialidades contidas no mito da terra. A terra preta e gorda, da qual nasce o homem pequeno, o "mujik" e com a qual continua ligado de maneira existencial e mística, totalmente estranha ao sentimento existencial e místico do cristianismo. Os senhores que leram "Ana Karénina" sabem o que tenho em mente. Há um ditado tcheco que diz: "a nossa terra é boa, porque é com os corpos dos pais que a adubamos". Mas que direito me dá a minha análise dos termos "mir" e "svêt" de propor um fundamento telúrico comum a ambas? Lamento que o espaço não me permite de expor as minhas razões neste curso. Baseiam-se elas sobre considerações que tem por tema o verbo tcheco significando "ser" e a forma curiosa pela qual as línguas eslavas formam o futuro. Também não quero censurar os senhores com uma avalanche de termos eslavos inpronunciáveis. Peço-lhes portanto que neste caso aceitem as minhas conclusões sem a apresentação de fio de argumento.

## VILÉM FLUSSER

O mundo como aldeia e o mundo como botao de flor, ambos brotando da terra preta e fertil, esta a estrutura dentro da qual o pensamento eslavo é chamado de enquadrar a nossa herança clássica do cristianismo. É uma tarefa tremenda. Porque o mundo telúrico é essencialmente feminino, e a meiguice, a humildade, o gosto dos diminutivos, os símbolos infantis como a pombinha e a avózinha, que caracterizam tão bem o pensamento eslavo, atestam o clima dessa femininidade. E o mundo cristão é urânico, é masculino e a sua humildade não é ternura, mas submissão ao pai todo-poderoso. Todo o pensamento eslavo, com suas contorções violentas, suas discussões intermináveis, sua tendência para a esquizofrenia, suas divagações cherosas e adubadas por vodka, sua auto-incriminação e sua auto-crítica pública, é uma única tentativa gigantesca de viver em paz com o Deus todo-poderoso, o Pantocrator terrível da Igreja bizantina, e com a maezinha Terra amável e meiga, mas misteriosamente perigosa. A essa tentativa será dedicada a próxima aula.